



NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
ROBÉRIO BRAGA
WALDEMAR SALLES

ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS
Opinião de Contemporâneos

INÉDITOS

1

Manaus
1996



ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

Opinião de Contemporâneos

DIRETORIA

Presidente - Robério dos Santos Pereira Braga

1º Vice - Presidente - João Chrysóstomo de Oliveira

2º Vice - Presidente - Jauary Guimarães de Souza Marinho

Secretário Geral - Octávio Hamilton Botelho Mourão

1º Secretário - Antísthenes de Oliveira Pinto

Tesoureiro - Arlindo Augusto dos Santos Porto

Bibliotecário - Gebes de Mello Medeiros

Diretor da Revista - José dos Santos Pereira Braga

Nota dos Editores

A Academia Amazonense de Letras fez reunir, em 1989, textos de seus membros efetivos analisando a personalidade e a obra do professor Arthur Cézar Ferreira Reis, para prestar-lhe justa homenagem, em vida.

Circunstâncias diversas impediram que a publicação fosse feita conforme previsto.

Integrando a nova fase da coleção de publicações do silogeu, os Editores entenderam por bem manter os textos conforme o original.

Acadêmico, historiador emérito, professor, presidente perpétuo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Governador do Estado, Arthur Cézar Ferreira Reis merece estudo mais amplo de sua obra bem como nova edição de seus inúmeros livros e conferências. A Academia com esta plaqueta inicia a publicação de originais de seus titulares, aliada a coleção em fac-símile.

LEMBRANÇAS DE ARTHUR REIS

Newton Sabbá Guimarães

"Si la Historia es una ciência que busca la verdad de los acontecimientos humanos, ninguna otra misión más noble y más difícil para el historiador que ahondar en la vida y en los hechos de los grandes calumniados y reivindicarlos ante la posteridad".

Antonio Traizon in "Hombres y Libros Pasan".

Evoquei em crônica no livro *"Riscos & Figuras"*, a personalidade de Arthur Reis em sua trajetória como historiador e erudito pesquisador das coisas da Amazônia. Mas, em um Brasil hoje tão falto de brasilidade, nunca é demais voltar a falar desse homem que deixou algumas das mais vibrantes páginas já escritas em favor da região, lutando pela sua integração à Pátria Brasileira e combatendo aqueles que defendiam projetos bem pouco nacionalísticos, como a sua internacionalização.

Falei-lhe, a primeira vez, faz muitos anos, quando eu era juiz de direito na comarca de Itacoatiara e ele fora inaugurar, ali, uma das muitas Casas de Cultura que se espalharam pelo vasto interior do Amazonas graças à sua visão e dinamismo e que a ineficiência dos governos subsequentes não soube aproveitar. Saudei-o em nome do Judiciário e, depois, no almoço que se seguiu, conversamos muito, por mais de duas horas. O assunto recaiu sobre a África Negra e seus Estados, em que o autor de *"Épocas e*

Visões Regionais do Brasil", é sem favor, dos grandes entendidos. Prometeu-me que, tão logo chegasse ao Rio, onde mora, me mandaria alguns livros sobre a África, o que fez, corretamente. Escrevemo-nos algumas vezes e, sempre que ia ao Rio, não deixava de cumprimentá-lo e trocarmos idéias. Encontrei-o várias vezes no Conselho Federal de Cultura, onde era conselheiro e, conhecendo meio mundo, tratava de perto as mais importantes figuras das letras nacionais. Ainda me lembro de acontecimento que me deu muita satisfação. Tínhamos marcado encontro no Conselho Federal de Cultura e eu o esperava, no final de uma sessão, quando chegou um conselheiro muito alto, moreno, espadaúdo e vestido de modo descuidado. Falava em voz alta. Tive a impressão de já ter visto aquele rosto, mas perguntei ao professor Arthur Reis quem era o homem. "É o Vianna Moog". Disse-lhe, com toda sinceridade, que muito admirava o romancista de *"Um Rio Imita o Reno"* e ele, ato contínuo:

- Vianna, vem cá, que te quero apresentar um admirador dos teus livros lá do meu estado.

E foi assim que apertei a mão a um dos grandes nomes da nossa literatura e autor de um dos melhores livros jamais escritos no Brasil...

Não posso dizer que tenha privado com mestre Arthur Reis; quando ele vivia no Amazonas, estava eu fora; quando voltei para o nosso Estado, ele já havia retornado ao Rio, mas sempre nos carteamos, eu a lhe mandar recortes de artigos sobre a África Negra, ele a responder-me naquelas cartas telegráficas, tão suas, objetivas, concisas, diretas.

Tenho em minha biblioteca muitos livros que gentilmente me ofereceu especialmente sobre política africana.

A sua obra, numerosa e variada, incluindo livros de combate como *"A Amazônia e a Cobiça Internacional"*, hoje um clássico da nossa brasiliana e, sem favor algum, o mais importante livro escrito sobre a Amazônia contra os que nela não crêem, e *"A Amazônia e a Integridade Nacional"*, além de obras de grande erudição como *"Épocas e Visões Regionais do Brasil"* ou de divulgação como *"O Impacto Amazônico na Civilização Brasileira"*, é toda ela, voltada para a defesa de nossas tradições culturais, de nossa história e no sentido de forçar um novo encontro da Civilização Brasileira com a civilização do Universal, de que falava o Presidente Senghor.

E mais, Arthur Reis acreditava, piamente, nessa participação e na sua importância, pois nenhum erudito brasileiro é tão imbuído da lição de grandeza de nossa história e de confiança em nosso futuro do que ele. Mestre de brasilidade, Arthur Reis, porém, não descamba para o me-ufanismo oco, do tudo é bom porque é brasileiro, Deus é brasileiro e outras tolices que andam ditas e escritas com muita insistência. É o frio e sereno analista dos fatos históricos, o observador arguto da nossa situação política e social, o nacionalista que não descarta a contribuição de fora, desde que ela seja proveitosa para nós. E assim é ao falar da Amazônia, diferentemente dos regionalistas caboclos que falam tanto de paraíso verde, de celeiro do mundo e outras bobagens. Vê as dificuldades que enfrentamos, vê a nossa pobreza, o nosso trágico despovoamento, o inchamento das cidades e o deserto que é o interior amazônico e advoga uma integração maior entre o Norte e as demais regiões.

Como governador do Amazonas, um dos melhores dos últimos trinta anos, Arthur Reis, conseguiu fazer com que o Governo Federal voltasse as vistas para o nosso abandono. Alguém precisava alertar Brasília para o abandono injustificado em que vivíamos, por décadas e décadas de politicagem indormida, de questiúnculas político-partidárias, a que o movimento de 1964 conseguiu fazer parar. E esse alguém foi Arthur Reis, o único dos governadores que falava de igual para igual com os grandes da administração nacional. E ele mesmo o escreveu, talvez com um pouquinho de jactância, que

"Falando em Manaus ao Marechal Costa e Silva, que visitava a região para tê-la sob suas vistas futuras, disse-lhe verdades um tanto ásperas à cerca dessa realidade tão triste do Brasil. Ouvi de Sua Excelência que nada tinha a objetar-me, embora minhas palavras lhe parecessem realmente contundentes. No particular da Amazônia, só aquele momento, vendo-a, compreendera a razão de minhas advertências, de minhas denúncias, de meus protestos. Considerava-a um dos pontos mais graves da existência brasileira, o que o levaria a adotar a política que precisava ser adotada" - in "O Impacto Amazônico na Civilização Brasileira", 1ª ed., Rio, Paralelo/Mec, 1972. p. 90. Os gritos são meus.

Sacudiu o Amazonas, rasgando estradas, inaugurando escolas, dando impulso nunca antes visto às letras locais se bem que, generoso e impulsivo, permitisse, de cambulhada com excelentes livros, se publicassem coisas insignificantes e inexpressivas, cujos escritores, felizmente, foram depois esquecidos. O Amazonas saía de um marasmo de muitos anos e entrava em uma nova fase de progresso e desenvolvimento, lamentavelmente freado com o advento da chamada Nova República, de triste memória.

Arthur Reis, como todo grande homem, é uma figura complexa, mal compreendido por uns e admirado por outros. Dele se disse muita coisa ruim quando deixou o Governo: acusavam-no de autoritário, de intransigente, de duro punidor. Talvez o fosse. Eram as contingências do momento, estava-se em clima de revolução, essa mesma revolução que, anos mais tarde, trairia a confiança do Povo Brasileiro pela corrupção desenfreada e frouxidão dos últimos anos. Havia muita coisa por mudar, era preciso um pulso forte, um homem que não olhasse para trás depois de decidir. E Arthur Reis foi esse homem em boa hora. Na sua administração o Amazonas avançou como não havia avançado antes. Deixando o Governo, um episódio em sua trajetória brilhante, Arthur Reis voltou à cátedra no Rio e a escrever novos livros, agora a contar a sua experiência como governante. Recolheu-se ao seu apartamento no Botafogo, cercado das suas recordações, da biblioteca enorme, das condecorações, das lembranças com os grandes do Poder. Mostrou-me fotos suas com presidentes como Castelo Branco e Costa e Silva, com ministros de Estado, com visitantes ilustres, com personalidades do mundo, com intelectuais. Mas não ficou só nas lembranças. Escreveu, escreveu muito. Manteve o mesmo dinamismo fremente, indo de uma faculdade a outra, dando aulas nos cursos de pós-graduação, assistindo pontualmente às sessões do Conselho de Cultura, mantendo em dia a sua vasta correspondência, pronunciando conferências em diversos estados e ainda tendo tempo para seus amigos, que esta é uma das grandes virtudes de Mestre Arthur Reis, o saber cultivar seus amigos, o ser bom amigo de seus amigos.

Faz alguns anos que não o vejo. A última vez que o visitei, em companhia de Ulysses Bitencourt, quando partia para a Somália, conversamos sobre a dramática postura do Presidente Siad Barre, indeciso entre a amizade do Ocidente, através de substanciais ajudas dos Estados

Unidos, e o seu longo e frequentemente interrompido namoro com os comunistas. Ainda me lembro da observação do grande nacionalista:

- É preciso que compreendamos a África Negra. O Brasil, por comissão, está a perder terreno ali. Nós podíamos ter uma penetração maior naquelas terras e seremos uma espécie de irmão mais velho e mais experimentado. Quando quisermos retomar essa posição, poderá ser muito tarde - concluiu.

Dias depois, sendo recebido pelo General Siad Barre, repeti-lhe as palavras de Mestre Arthur Reis.

- E então, o que os senhores esperam? Nós aqui estamos, a espera de amigos - disse com certa ironia na voz, o Presidente.

Todas essas lembranças me chegam aos borbotões quando escrevo linhas sobre o notável brasileiro. Atendendo ao convite sempre generoso de Robério Braga para colaborar na poliantéia em sua homenagem, pensei escrever sobre Arthur Reis o historiador, ou sobre Arthur Reis o político, ou sobre o Arthur Reis mentor de gerações, ou sobre o guia nacionalista... Há tantas facetas na vida desse homem extraordinário que acho que só trazendo lembranças esparsas poderia dar idéia do quanto fez em sua longa e proveitosa existência. Grande em qualquer dos ângulos por onde se veja, o nacionalista de "*A Amazônia e a Cobiça Internacional*" é sempre um paradigma para as gerações futuras e um orgulho para a nossa.

Euclides havia deixado a Amazônia, extasiado, fazia pouco. Manaus fervilhava com a economia da borracha. A sociedade vivia os primeiros tempos da Universidade Livre. Os bondes circulavam entre os festejos da população. Bucólica, a cidade agasalhava famílias tradicionais, quase todas unidas entre si pelo compadrio. Foi nesta Manaus de contornos europeus em plena selva, mais desconhecida que nos dias de agora, que nasceu Arthur Cézar Ferreira Reis, no janeiro de 1906, no casarão de esquina das ruas de Dr. Moreira e de Quintino Bocaiúva, o mesmo no qual residiu Barbosa Rodrigues e o professor José Chevalier Carneiro de Almeida fez escola.

Na convivência familiar com o pai, jornalista Vicente Torres da Silva Reis e a mãe, Emília Ferreira Reis, preparou-se para a vida, cursando os grupos escolares de Saldanha Marinho e de Marechal Hermes, e o Ginásio Amazonense Pedro II, palco de façanhas estudantis ainda por serem devidamente publicadas.

Ao seu tempo de estudante, Manaus que vivera o encanto do crescimento econômico, experimentava os sintomas de uma grande crise da borracha, a par da desordenação da estrutura política que se seguiu, com a oligarquia política de Rego Monteiro, deposta pelo tenentismo de Barata e Ribeiro Júnior, em 1924.

Concluindo os estudos no Rio de Janeiro em 1927, onde formou-se em Direito, logo retornou a Manaus, onde começaria no ano seguinte a carreira do magistério, aspecto fundamental de toda a sua trajetória cultural.

A Amazônia, guarda, ainda hoje, verdades seculares, riquezas, mistérios, estórias e exuberância. É um mundo colossal do maior interesse e cobiça internacional. A par disso, a Amazônia é a figura exponencial de Arthur Cézar Ferreira Reis, por cuja obra devem passar, meditadamente, escritores, conferencistas professores e quaisquer estudiosos da região.

NA CÁTEDRA

Inaugurada em 1928 com o seu ingresso nos quadros do magistério secundário, no tradicional Colégio Dom Bosco, o exercício da função de professor representa, ao longo da sua trajetória de vida, dentre as inúmeras e mais difusas atribuições, o seu empenho maior, cuja força, forma e espírito, introduz em todas as atividades que desempenha.

Mestre, na forma e no gênio, tem alcançado na carreira todos os louvores e honras, todas as glórias e consagrações. De jovem professor de História do Brasil do colégio salesiano, logo depois de História Universal da Escola Normal (1930) alcançou a cátedra de História da América na Faculdade de Filosofia da PUC/Rio de Janeiro; de Problemas Brasileiros na Fundação Getúlio Vargas; no curso de Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense, além de outras do mesmo valor, culminando com a toga de Doutor "Honoris Causa" das Universidades do Pará e do Amazonas, e reconhecimento de inúmeras outras Universidades brasileiras e estrangeiras.

Por esta determinação abnegada tem recebido condecorações as mais dignas, como as medalhas das Universidades do Amazonas e do Pará; Comenda da Ordem José Bonifácio da Universidade do Estado da Guanabara; do Mérito Educacional do Ministério da Educação e Cultura, do

Brasil e de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo e da Ordem da Instrução Pública, de Portugal.

Não há quem, tendo recebido suas aulas, em qualquer dos cursos em que se fez professor, deixe de proclamar, de viva voz, a extrema dedicação que sempre oferece ao magistério, estabelecendo uma relação superior com os discípulos notadamente quando da orientação das dissertações de mestrado, às quais se devota como se lhe coubesse a responsabilidade de, pessoalmente, apresentar o trabalho.

O ânimo do professor que encaminha os mais novos, estimula e orienta, faz vislumbrar horizontes promissores aos olhos incrédulos dos iniciantes, é marca por demais significativa em sua personalidade.

O CONFERENCISTA

Da classe escolar ou acadêmica para os auditórios sempre repletos e ávidos de conhecimento, ou preparados para o debate frontal e elevado, nunca fez distinção. Foi deste modo que abriu espaços próprios muito cedo, desde o VI Congresso Brasileiro de Educação (1935) e o Congresso Brasileiro de Geografia (1944) no qual foi premiado com uma das dez medalhas de ouro concedidas pelo evento, e as importantes conferências que proferiu nos idos de 1948 na Faculdade de Letras da Universidade de Havana, como no IV Congresso Brasileiro de História (1949) até aos Congressos de Americanistas realizados em Lima, e de História dos Descobrimentos, em Lisboa, no qual foi premiado com votos especiais de louvor pelos trabalhos apresentados.

São inúmeras as suas participações em Congressos e outros eventos culturais e científicos nacionais

e internacionais, sempre com o maior destaque, sendo requisitado permanentemente para participar dos mais significativos acontecimentos culturais do país. Conferencista da Escola Naval de Guerra, do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, do Liceu Literário Português, de comissões especiais do Itamarati e da Escola Superior de Guerra, sempre se houve com o mesmo empenho e êxito com que compareceu ao 1º Colóquio Luso-Brasileiro de Estudos, em Washington, como delegado do Brasil.

O dinamismo que tem imposto a sua vida, na juventude como na maioridade dos dias de hoje, responde pelo avolumado indicador de mais de 200 títulos de conferências e pequenos trabalhos, dos quais se extrai sempre e com maior proveito, conhecimento basilar para os estudos históricos, sociais e políticos, notadamente da Amazônia.

Nestes se incluem, sem que represente preferência ou seleção bibliográfica, *"A Amazônia. Um Espaço Tropical"*, de 1953, proferida em Sevilha; *"Aspectos Sociais da Valorização da Amazônia"*, de 1955 no Recife, onde a convite de Gilberto Freyre proferiu conferências inúmeras no antigo Instituto Joaquim Nabuco; *"Aspectos Econômicos da Dominação Lusitana na Amazônia"*, 1943; *"Casais. Soldados e Degredados na Colonização da Amazônia"*, 1940, Porto Alegre; *"A Amazônia do século XVII. Sugestões para estudos"*, apresentada em Washington. Em todos, a visão do humanista, historiador por excelência, consciente da sua amazoneidade e o sentimento mais claro de difusão do conhecimento como bem superior do homem.

NO SERVIÇO PÚBLICO

O carrossel da política o tem conduzido ao cumprimento de missões da maior relevância. Assim foi

quando jovem, ao exercer o cargo de Chefe de Gabinete da Junta Governativa Revolucionária de 1930, na Manaus alvoraçada pelos ginasianos, em meio a transformações urbanas as mais variadas, para atender a Pereira da Silva, Pedro Henrique Cordeiro Jr. e no momento de transição da administração pública. O jornalista das lides diárias no Jornal do Comércio, redator-chefe de 1928 a 1938, irrequieto professor de História do Brasil, História da Civilização, Sociologia, Economia e Direito Internacional, estas últimas na Faculdade de Direito, estrearia em função de relevância no serviço público.

Nos Ministérios do Trabalho e da Indústria e Comércio desempenharia, anos seguidos, cargos, funções e comissões técnicas, desde a Inspetoria de Seguros no Amazonas, Pará e Rio de Janeiro, a chefe da Divisão de Expansão Econômica, do Departamento de Administração do MTb, as misses internacionais na Organização das Nações Unidas, em reuniões de Havana e Genebra.

Teve intensa participação no primeiro grupo de estudos que elaborou o projeto de instituição do Ministério da Indústria e Comércio e foi Vice-Presidente do Conselho Técnico do Instituto de Resseguros do Brasil, como de igual modo responde pelos estudos técnicos de valorização da Amazônia, em cujo grupo de trabalho teve meritória interferência, valendo-lhe a seguir, a nomeação para o cargo de Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA, depois SUDAM.

Têm sido muitos os seus encargos administrativos quer em Manaus, Belém e no Rio de Janeiro, vinculados a Ministérios, Secretarias de Estado, Conselhos Técnicos, missões econômicas e diplomáticas. Para o Amazonas, os de maior significado foram o exercício da Superintendência

da SPVEA e do cargo de Governador do Estado no período revolucionário de 1964 a janeiro de 1967.

Não se furta a contribuir em estudos os mais variados, quer da organização administrativa, como da implantação de setores industriais no país, ou no Serviço Nacional da Aprendizagem Comercial ao qual se dedicou por muitos anos, inclusive no Conselho Técnico da Confederação Nacional de Comércio.

Suas atuações na SPVEA e no Governo do Estado do Amazonas valem estudos a parte, pelo dinamismo que imprimiu às suas obrigações, pela originalidade no setor de desenvolvimento social como pela seriedade na gestão da coisa pública.

O INTELECTUAL

Estudioso, detentor de importante acervo bibliográfico especialmente dedicado à Amazônia, obteve o amplo reconhecimento da intelectualidade brasileira quer pelos títulos e condecorações com que tem sido agraciado como pela honraria de integrar instituições nacionais e internacionais as mais festejadas. Somente a deferência de compor o Conselho Federal de Cultura no maior prazo permitido pela legislação específica, com sucessivas reconduções e tendo sido seu presidente, ao lado de figuras da maior proeminência nas letras nacionais como Gilberto Freyre e Afonso Arinos de Mello Franco, bastaria como indicador da respeitabilidade de que desfruta.

Ressalte-se que é Vice-Presidente e Grande Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e um dos diretores de sua Revista, além de correspondente, dentre outras das Academias de História do Equador, de Cuba, do Paraguai e de Portugal, da Sociedade Geográfica

de Lima, de Geografia de Lisboa, da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, da Academy of American Franciscan History, e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

Assim tem sido com entidades nacionais. Integrando os Institutos Históricos do Pará, Mato Grosso, Maranhão, Ceará e Petrópolis, Rio Grande do Sul, Pen Club do Brasil, Pen Club do Rio de Janeiro, Academia Militar de História e Geografia, Academia Brasileira de Educação, Academia Amazonense de Letras, Academia Brasileira de História, Sociedade Bolivariana do Rio de Janeiro, e delegado do Brasil junto ao Instituto Pan-Americano de História com sede no México.

Trabalhador intelectual assina colaborações especiais em revistas nacionais e estrangeiras, como a Revista Brasileira da Academia Brasileira de Letras, Revista de História da Universidade de São Paulo, Observador Econômico, Digesto Econômico e Ocidente, de Lisboa.

Sua contribuição às letras nacionais foi reconhecida, logo nos primeiros tempos de sua produção, pela Academia Brasileira de Letras que lhe concedeu o prêmio José Veríssimo de erudição (1943), pelo primeiro volume da obra *"Limites de Demarcações da Amazônia Brasileira"*.

Participou como chefe da delegação brasileira à Conferência da UNESCO em Florença, destinada a estudar a problemática da cultura no mundo, e presidiu a Comissão Brasileira para as Comemorações do 4º Centenário de *"Os Lusíadas"* (1973).

Sua bibliografia, inaugurada por bem dizer com a obra *"História do Amazonas"*, dada a público em 1931 e que somente agora se reedita, tem uma fase inteiramente

regional, em que pesquisou e analisou com intensidade temas vinculados ao processo de evolução histórica e social da Amazônia. Inclui nos primeiros dez anos, de logo, estudos ainda hoje indispensáveis ao conhecimento regional. Veja-se, por exemplo: *"A Conquista Espiritual da Amazônia"* (1943), *"Paulistas na Amazônia e outros ensaios"*, Rio 1941; e especialmente *"Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira"*, 3 volumes, lançados a partir de 1947, logo seguido de *"Estadistas portugueses na Amazônia"*.

Sua primeira grande obra ampliando os estudos históricos além Amazônia, surge em 1948, no Rio de Janeiro, sob o título de *"História da Imigração e Colonização do Continente Americano"*, voltando-se a seguir para os estudos regionais, até 1953, quando em grupo dos mais festejados (Virgílio Corrêa Filho, Hélio Viana e Luiz H. Viana) produzem o *"Ensino da História do Brasil"*.

Sua maior obra regional se constitui como resultante de um desafio feito aos brasileiros dotados de verdadeiro civismo, quando ameaças internacionais, mais que antes e agora, pairavam sobre a Amazônia. Trata-se do festejadíssimo *"A Amazônia e a Cobiça Internacional"*, (1960) com reedições sucessivas.

Mesmo no exercício do governo do Estado do Amazonas não deu repouso a pena, fazendo nova e proveitosa incursão nos temas eminentemente locais, constituindo a mais alongada produção histórica amazonense, a partir de um estudo dedicado a servir como manual do professor nas escolas que é a *"Súmula da História do Amazonas"* (1965), conjunto integrado por outros títulos, como *"A Autonomia do Amazonas"* em que apresenta toda a destinação política que culminou com a criação da Província do Amazonas em 1850. *"Tempo e Vida na Amazônia"* (1965), *"A Amazônia e a integridade do Brasil"*,

"Aspectos da Experiência Portuguesa na Amazônia", compõem a maciça produção com que nos brindou, nos anos de 65 e 66 ao lado da contribuição de novos, novíssimos e outros festejados escritores que tiveram oportunidade de lançar-se em seu governo.

"Épocas e Visões Regionais do Brasil" que integra, no tempo, o mesmo grupo de publicações que as anteriores, (1966) abria ao mesmo modo, caminhos para novos estudos, desta feita novamente no Rio de Janeiro, como a *"Amazônia e o Mundo Atual"* (1968), o *"Impacto Amazônico na Civilização Brasileira"*, 1972, até *"Aspectos da Formação Brasileira"*, (1982) e *"Temas Amazônicos"*, (1983).

Em meio a estas contribuições, em grupos de escritores, vamos encontrá-lo, em diversas épocas, integrando edições as mais produtivas, ao lado de Josué Montello, Hermani Cidade, Sérgio Buarque de Holanda, José Honório Rodrigues, Josué de Castro, dentre outros, como fazendo circular estudos e conferencias que somam a mais de duas centenas, quase ininterruptamente.

ARTHUR E O AMAZONAS

O Amazonas está a lhe dever o reconhecimento digno de sua expressão.

Nascido manauara, onde forjou o caráter e sorveu os conhecimentos basilares de sua formação de pesquisador e cientista social, experimentou no Rio de Janeiro, quando dos estudos na Faculdade de Direito, os primeiros ares para os grandes voôs que alçaria pouco mais tarde. Retornando a Manaus para o exercício do magistério em 1928, diversificou suas atividades, ora na redação do Jornal do Comércio, ora na Associação dos Empregados no Comércio da qual foi Vice-Presidente em 1929, até exercer a Chefia do Gabinete

da Junta Governativa Estadual, em 1930. Ao tempo da interventoria Álvaro Maia, a mais longa de toda a nossa história, esteve nas salas de aula, inclusive da Faculdade de Direito, sendo por breve tempo Diretor da Instrução Pública (1935) quando participou do VII Congresso Brasileiro de Educação, possivelmente o primeiro dos grandes encontros de que tem participado.

Ingressou no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual foi secretário, com a incumbência de substituir o professor Agnello Bittencourt, então Presidente da entidade, havendo-se com o mesmo zelo e eficiência. Ostenta a honraria maior do silogeu: o grau de Presidente Perpétuo.

Hoje integra a Academia Amazonense de Letras e participou da fundação da União Brasileira de Escritores.

A economia da borracha não mais possibilitaria a mesma florescência cultural em Manaus. A decadência econômica impunha uma retirada, levando-o a transferir-se para Belém do Pará, inclusive para exercício de cargo público efetivo, seguindo para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu-se definitivamente.

Sem perder o interesse pela região, manteve-se atento a todas as questões pertinentes ao nosso desenvolvimento, ora proferindo conferências, ora publicando estudos inteiramente voltados para o conhecimento da nossa realidade.

Seu reencontro mais íntimo com o Amazonas fez-se por caminhos políticos. Getúlio Vargas governava o país, na fase da democracia-constitucional, e em 1952 organizou Comissão Técnica que estudasse a valorização econômica da Amazônia. Arthur Reis a secretariou. Destes estudos

resultou a criação da SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização da Economia da Amazônia, da qual foi Superintendente por mais de dois anos (1953-1955) quando promoveu com eficiência, programas concretos que visavam o aprofundamento das questões inerentes ao nosso verdadeiro desenvolvimento. Estudou a região, e despertou o interesse de outros estudiosos. Despertou o Brasil para a realidade que a região representa no quadro histórico da vida nacional. Igual postura manteve quando na direção do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), intensificando a formação de uma consciência brasileira sobre a importância da região amazônica, e suas verdadeiras potencialidades.

Intimamente, neste período, estreitou-se com as lideranças amazonenses e paraenses, atributo aliás que lhe facilitara por certo o exercício destas missões, por não ser considerado estranho nas terras paraenses, onde pontificou por longos anos, como professor e escritor.

Teve intensa participação na vida pública em Manaus. Dos movimentos ginásianos, a membro da União do Moços Católicos de Manaus, a Sociedade Amazonense de Professores, a Sociedade dos Funcionários Públicos, e como Oficial Federal de Notas e Registros de Contratos Marítimos, a Fiscal Federal de Seguros Marítimos e Capitalização, mas principalmente no exercício do magistério secundário e superior.

Ao chegar de Genebra, onde participara como Delegado do Brasil à Conferência do Comércio e Desenvolvimento, estava implantada a Revolução de 1964. O Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco exercia a presidência da República, com poderes especiais. Convidado, aceitou o Governo do Amazonas, mediante eleição indireta efetivada em junho de 1964, com mandato até 31 de janeiro de 1967.

Novamente uma decisão política o faz retornar a Manaus, quando exigiu um programa concreto de desenvolvimento econômico, de logo vislumbrado com a Zona Franca de Manaus, sonho antigo de Francisco Pereira da Silva, estimulado em fins do governo Juscelino Kubtischek de Oliveira, mas dependente de decisão presidencial.

Urgia implantá-la. Foi no sentido de conseguir a sua aprovação definitiva que se empenhou pessoalmente, com a preocupação de desenvolver, pela ocupação e viabilização econômica, a mais vasta região do país.

PERSONALIDADE DE ARTHUR REIS

Waldemar Batista de Salles

A região amazônica sempre foi enigmática e grandiosa. Desde os tempos do descobrimento do Brasil até nossos dias. A área imensa, o clima tropical, rios banhando planícies e os índios das mais diversas tribos, dominando-a.

Os naturalistas que a visitaram, no século passado, enfrentando os maiores obstáculos e as intempéries da Natureza, escreveram e divulgaram suas belezas.

E entre os intelectuais que a analisaram à luz dos conhecimentos técnicos, vamos encontrar o professor Arthur Cézar Ferreira Reis, que, mais tarde, governou o Estado do Amazonas.

Entre diversos trabalhos publicados a respeito, dedicou atenção ao que intitulou "*A Amazônia e a Integridade do Brasil*", em 1966 e que teve repercussão nacional.

O livro em referência, fez sucesso, uma vez que o ilustre intelectual, no desejo de nos mostrar as belezas e os recursos naturais, a descreveu de modo compreensivo e técnico.

O professor Arthur Reis, com sua visão, objetiva, procurou dizer ao país, o que significava a área, abordando os mais diversos assuntos, desde a jornada de Pedro Teixeira, o desbravamento do sertão amazônico, bem assim a ação de Plácido de Castro, na luta heróica para incorporar o Acre ao Brasil, então invadido pelo bolivianos.

A luta de Plácido de Castro e a incorporação do Acre ao Brasil foi uma proeza bastante difícil e perigosa, pela

distância e os obstáculos intransponíveis. E o professor Arthur Reis, no livro citado, em que relata a epopéia, nos diz assim:

"... os caboclos e amazonenses, habituados aos rigores do meio, não se amedrontavam, porém e estavam efetuando o prólogo do grande episódio de crescimento territorial da Pátria."

Nessa luta indormida, de conquistar e desbravar as terras, houve o apoio seguro e firme dos nordestinos e assim ele se refere, pag. 165, de seu livro:

"com a chegada dos imigrantes nordestinos, trazidos pelas secas impiedosas ou atraídos pelo noticiário de fortuna fácil nos seringais que se abriam na selva vigorosa da Amazônia, essa penetração arriscada assumiu maiores proporções. E os altos rios Xingú, Tapajós, Purus e Juruá, passaram a ser atingidos e frequentados. Cerca de cem mil brasileiros nessa impulsão extraordinária, desassistidos de qualquer recurso espiritual ou sanitário, enfrentando os mistérios da hinterlândia, lutando contra os mil tropeços..."

O trabalho em foco, além de confirmar a cultura invejável do professor Artur Cézar Ferreira Reis, abrangeu outros aspectos da vida na região, sendo atualmente considerado uma síntese do heroísmo da nossa gente, aliada aos nordestinos, no domínio de grande extensão de terras para o Brasil.

Aliás, esse livro, pleno de sabedoria e realidades, vem confirmar o que se encontra escrito em outro trabalho de renome, intitulado *"A Amazônia e a Cobiça Internacional"*, de enorme divulgação, uma vez que, em sendo assim, todos podem entender o que significa para nossa pátria esta

imensa área, cheia de riquezas no solo e subsolo, como recentemente aconteceu, com a descoberta do petróleo.

Mas, o professor Arthur Reis, em seu trabalho, ainda percorreu sobre outros assuntos, como as penetrações de franceses e ingleses, no Amapá e Rio Branco, bem assim outras expedições objetivando interesses antinacionais.

Desse modo, quem desejar conhecer, profundamente a região amazônica e suas riquezas naturais, não pode deixar de consultar os trabalhos de Arthur Reis, dignos dos maiores encômios e que nos revelam sua grande cultura humanística e profundos conhecimentos científicos da região amazônica.

Academia Amazonense de Letras
Fundada em 1º de janeiro de 1918
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil
Rua Ramos Ferreira, 1009. CEP 69010-120
Manaus-Amazonas-Brasil
Telefone 234-0584

A Secretaria funciona nos dias úteis das 8 às 12 horas
As reuniões ordinárias de Diretoria são realizadas na última
sexta-feira de cada mês.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

